



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**REBECA ROCHA NOVAES SILVA**

**CULTURA DO DESMAME: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSOS SOBRE  
ALEITAMENTO MATERNO EM POSTS DO INSTAGRAM**

**SERRA TALHADA-PE  
2022**

**REBECA ROCHA NOVAES SILVA**

**CULTURA DO DESMAME: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSOS SOBRE  
ALEITAMENTO MATERNO EM POSTS DO INSTAGRAM**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela Cássia Sousa de Melo Benício Figueiredo

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa de Pinho Cavalcanti

**SERRA TALHADA-PE**

**2022**

# REBECA ROCHA NOVAES SILVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586c Silva, Rebeca Rocha Novaes  
CULTURA DO DESMAME: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSOS SOBRE ALEITAMENTO  
MATERNO EM POSTS DO INSTAGRAM / Rebeca Rocha Novaes Silva. - 2022.  
42 f. : il.

Orientadora: Marcela Cassia Sousa de Melo Benicio Figueiredo.  
Coorientadora: Larissa de Pinho Cavalcanti.  
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2023.

1. Amamentação. 2. Cultura do Desmame. 3. Redes Sociais. I. Figueiredo, Marcela Cassia Sousa de  
Melo Benicio, orient. II. Cavalcanti, Larissa de Pinho, coorient. III. Título

---

CDD 410

**REBECA ROCHA NOVAES SILVA**

**CULTURA DO DESMAME: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO SOBRE  
ALEITAMENTO MATERNO EM POSTS DO INSTAGRAM**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em     de             de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela Cássia Sousa de Melo Benício Figueiredo  
UFRPE/UAST - Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa de Pinho Cavalcanti  
UFRPE/UAST - Coorientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna Lopes Fernandes Dugnani  
UFRPE/UAST - 1<sup>o</sup> Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nicole Louise Macedo Teles Pontes  
UFRPE/UAST - 2<sup>o</sup> Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

A Manoel: dono de dois belos sorrisos e que revolucionou minha existência aqui na terra.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, Maria de Fátima Rocha Novaes, que nunca saiu do meu lado e que me ensinou que ter fé na vida é um dos maiores combustíveis para se manter de pé. Agradeço também a Afonso H. N. por ter me colocado de frente a ele e dito que o curso de Letras era um curso incrível e que me levaria a lugares inimagináveis. Sem ele e sem minha teimosia, talvez esse trabalho não estivesse sendo escrito. Agradeço ao meu parceiro de vida, Patrick Araújo, pelo apoio de todos os dias e por toda paciência que teve durante o processo. E não poderia deixar de mencionar minha rede de apoio que sempre me deu suporte para que eu fosse avante: Edna Araújo e Priscila Araújo.

Todas e todos que passaram em minha vida durante a jornada acadêmica, me marcaram de forma grandiosa pois fizeram e fazem parte da fundação que tem sido construída aqui dentro de mim: gratidão eterna por ter conhecido e tido a melhor orientadora que alguma orientanda poderia querer – Larissa Cavalcanti: que sempre confiou na minha capacidade e me mostrou que o fazer docente vai além das paredes da sala de aula. Gostaria ainda de agradecer por ter colocado a minha querida Marcela Cássia em minha vida porque não há coisa melhor do que ter uma parceira/professora/orientadora arretada, mãe e feminista! Obrigada, Marcela, por ser tanto pra mim.

Meu abraço especial às professoras Bruna Dugnani e Jaílze Santos (ex-professora da casa) por todo acolhimento e carinho. Jamais esquecerei de vocês! Agradeço também aos meus colegas: Eduardo Beserra, Rodrigo Selmo, Patrícia Souza e Elayne Souza por terem sido luz quando tudo estava escuro. Não poderia esquecer dOs Garbosos, meu grupo incrível de amigos e amigas que conseguiram (e conseguem) me trazer alegrias sempre que é preciso: obrigada Camila Ferraz, Isabella Leal, Ana Katheline Novaes, Emanuella Helena, Jamima Souza, Teófilo Torres, Breno Lustosa e Alexandre Carvalho.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer as minhas alunas e alunos: vocês são incríveis e é fantástico aprender a como ser uma pessoa melhor todos os dias. Eu não poderia pedir a Deus melhores professores do que vocês! Gratidão!

## RESUMO

O presente estudo objetivou investigar como os discursos reproduzidos nas redes sociais funcionam como manivelas para fortalecer a Cultura do Desmame. Este trabalho nasce da necessidade de denunciar os discursos que se fortalecem ao naturalizar o desmame precoce enquanto mulheres e bebês são negligenciados. Amamentar é questão de saúde pública e discutir sobre é pensar nos direitos e autonomia sobre os corpos das mulheres. Para a fundamentação de nosso trabalho, utilizamos documentos oficiais que defendem a amamentação, tais como o Guia Alimentar Para Crianças Brasileiras Menores de 2 Anos (Ministério da Saúde, 2019), as Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e o Apoio ao Aleitamento Materno (Ministério da Saúde, 2017) e o Guia Prático de Aleitamento Materno – Sociedade Brasileira de Pediatria (Departamento Científico de Aleitamento Materno, 2020). Além disso, recorremos a artigos da área da bioética, que nos fornece dados específicos para visualizarmos a amamentação no nosso país e a perspectiva analítica da Análise Crítica de Discursos para abordagem verbo-visual do corpus selecionado. Para composição do corpus da pesquisa, foram analisados e selecionados perfis na rede social Instagram de profissionais de saúde que atendem ao público materno-infantil. Em cada perfil, foram recortados posts por meio da *tag* #SMAM, referente à Semana Mundial da Amamentação. Operamos um recorte cronológico entre 2019 e 2021, anos que mostraram um aumento de postagens relacionadas ao tema. Nos posts, é possível identificar que perfis de profissionais da saúde recorrem a afeto e discursos laicos para promover a cultura do desmame, enquanto posts que defendem a AME, afirmam que amamentar é mais que amor e levam o amor como maior argumento para “convencer” mulheres de que é preciso amamentar.

Palavras-chave: Amamentação, Cultura do Desmame, Redes Sociais.

## **ABSTRACT**

The present study aimed to investigate how the discourses reproduced on social networks work as cranks to strengthen the Weaning Culture. This work has risen from the need to denounce the discourses that are strengthened by naturalizing early weaning while women and babies are neglected. Breastfeeding is a public health issue and discussing it is a way of thinking about rights and autonomy over female bodies. Official documents that protect breastfeeding were used to better develop the discussion, such as the Food Guide for Brazilian Children Under 2 Years Old (Ministry of Health, 2019), Basis for the discussion of the National Policy for the Promotion, Protection and Support of Breastfeeding (Ministry of Health, 2017) and the Practical Guide to Breastfeeding – Brazilian Society of Pediatrics (Scientific Department of Breastfeeding, 2020). In addition, we studied articles in the area of bioethics, which provide us with specific data to visualize breastfeeding in our country and the perspective of Critical Discourse Analysis is used to analyze the verbal and non-verbal aspects of the texts. The corpus was selected through the analysis of Instagram profiles of health professionals that focus on mother-child assistance. After that, posts were selected through the tag tag #SMAM referring to the World Breastfeeding Week between 2019 and 2021, when there was a peak of posts regarding the subject. In the posts it is possible to identify that health professionals use affection and lay discourses to promote weaning whereas posts that defend breastfeeding claim it as more than an act of love and use love as the greatest argument to “convince” women of the need to breastfeed.

Keywords: Breastfeeding, Weaning Culture, Social Media.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Embalagens de composto lácteo e fórmula.....	20
Figura 2 Chupeta, elemento da cultura do desmame.....	20
Figura 3 Formatos de mamilos.....	21
Figura 4 Chupeta mostrando a advertência do Ministério .....	22
Figura 5 Post de Instagram 1 .....	25
Figura 6 Post 2 de Instragram.....	27
Figura 7 Post 3 de Instagram .....	28
Figura 8 Post 4 de Instagram .....	30
Figura 9 Post 05 de Instagram .....	33
Figura 10 Post 6 de Instagram .....	35
Figura 11 Post 7 de Instagram .....	37
Figura 12 Pot 8 de Instagram.....	38

## SUMÁRIO

<b>1. UMA NOTA PRELIMINAR .....</b>	<b>9</b>
<b>2. A AMAMENTAÇÃO E DOCUMENTOS QUE A PROTEGEM .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 CULTURA DO DESMAME.....</b>	<b>15</b>
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>24</b>
<b>4. ANÁLISE.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1. UMA NOTA PRELIMINAR

Essa é uma carta aberta, o início de uma longa jornada, uma carta direcionada a mulheres e pessoas que queiram ou venham a gestar, parir e amamentar. No entanto, querer muito algo que o nosso corpo pode conseguir fazer não significa conseguir. E sobre isso não podemos reduzir essa narrativa a faltas de tentativas e/ou de vontade. Aqui, queremos dizer que existe um conjunto de coisas que podem induzir os nossos quereres sobre o maternar, inclusive inibi-los, o que fica ainda mais evidente, quando não consideramos que somos pessoas diversas e o ato de maternar, portanto, também o é. Sendo assim, fatores como a cultura, pressão estética, crenças disfarçadas de informações, tutela ao invés de rede de apoio, profissionais de saúde desatualizados, controle sobre os corpos de mulheres, agem numa padronização sobre o maternar que favorece o mercado e toda a cultura machista.

Diante disso, preciso me colocar em primeira pessoa, justamente para partir da minha experiência, pensando em pontos em comum, pontos que se atravessam e formam uma experiência coletiva. A maternidade me atravessou e na ingenuidade de que não seria tanto, foi, na verdade, um grande baque. Maternar será sempre um trauma, embora não esteja falando necessariamente sobre coisas ruins. Mas nada do que eu era antes, vai ser agora e toda mudança drástica em nossas vidas gera um trauma. Eu sabia que não seria pouca coisa, eu só não sabia que seria tanto e que desse tanto eu jamais seria as Eus de antes.

Gestar, parir e criar me revolucionou; me senti deusa, altiva, capaz de tudo. Mas não posso resumir minha experiência como capacidade apenas biológica; seria absurdo meu acreditar que somos apenas um conjunto de órgãos com capacidade de gestar e nutrir, ao passo que também não posso negar a magnificência de tal.

Esse trabalho é, sobretudo, uma denúncia a toda uma rede milionária que financia pesquisas e profissionais de saúde voltada para o público materno-infantil e que funciona ativamente para controlar nossos corpos. A decisão de como nossas crianças virão ao mundo e de como elas serão alimentadas não será escolha nossa. A jornada será definida não pelo destino, mas por como seremos atravessadas socialmente durante o pré-natal, durante o parto e o pós-parto, bem como também seremos afetadas pelas histórias das mulheres que nos cercam.

Desejo que a leitura aconteça sem julgamentos, mas que ela venha a incomodar e que, a partir dela, a gente possa enxergar algo que talvez tenha passado

despercebido todo esse tempo. Espero também que possamos ter rede de apoio profissional realmente comprometida e atualizada para que possamos ter controle de verdade em nossas decisões a respeito dos nossos corpos e nossas crias.

## 2. A AMAMENTAÇÃO E DOCUMENTOS QUE A PROTEGEM

A amamentação (doravante AME) é um processo biológico que se inicia no começo da gestação com a placenta enviando hormônios que auxiliam no desenvolvimento do seio – se preparando para chegada de um ou mais bebês<sup>1</sup>. A lactação também pode se iniciar sem o gestar, através de uma administração hormonal e uma série de estímulos para que a produção do leite humano seja induzida, geralmente ocorre em casos de adoção, sendo conhecida por lactação adotiva (precisando de profissionais especializados para dar o suporte necessário e para administração dos hormônios). Porém, considerar que amamentação seja só isso é imaginar que amamentar, o ato de levar o bebê ao seio para que seja nutrido, é um processo unicamente instintivo e mecânico (o bebê nasce, vem ao peito, tudo flui), quando, na verdade, amamentação é uma ação que demanda outras questões.

Amamentar demanda tempo, dedicação e suporte. É um trabalho integral não remunerado, onde quem amamenta se coloca a disposição de alimentar uma criança. E no meio desse ofício, haverá desafios a serem enfrentados. Por isso, é fundamental reconhecer a amamentação como algo muito além do nutrir (embora nutrir seja algo extremamente importante). Conhecer como a AME acontece de forma biológica, mas também social, facilita o processo e pode dar suporte para enfrentar qualquer adversidade.

---

<sup>1</sup> A mama, na gravidez, é preparada para a amamentação (lactogênese fase I) sob a ação de diferentes hormônios. Os mais importantes são o estrogênio, responsável pela ramificação dos ductos lactíferos, e o progesterônio, pela formação dos lóbulos. Outros hormônios também estão envolvidos na aceleração do crescimento mamário, tais como lactogênio placentário, prolactina e gonadotrofi na coriônica. Apesar de a secreção de prolactina estar muito aumentada na gestação, a mama não secreta leite nesse período graças a sua inibição pelo lactogênio placentário. Com o nascimento da criança e a expulsão da placenta, há uma queda acentuada nos níveis sanguíneos maternos de progesterônio, com consequente liberação de prolactina pela hipófise anterior, iniciando a lactogênese fase II e a secreção do leite. Há também a liberação de ocitocina durante a sucção, hormônio produzido pela hipófise posterior, que tem a capacidade de contrair as células mioepiteliais que envolvem os alvéolos, expulsando o leite neles contido. A produção do leite logo após o nascimento da criança é controlada principalmente por hormônios e a “descida do leite”, que costuma ocorrer até o terceiro ou quarto dia pós-parto, ocorre mesmo se a criança não sugar o seio. Após a “descida do leite”, inicia-se a fase III da lactogênese, também denominada galactopoiese. Essa fase, que se mantém por toda a lactação, depende principalmente da sucção do bebê e do esvaziamento da mama. Quando, por qualquer motivo, o esvaziamento das mamas é prejudicado, pode haver uma diminuição na produção do leite, por inibição mecânica e química. O leite contém os chamados “peptídeos supressores da lactação”, que são substâncias que inibem a produção do leite. A sua remoção contínua com o esvaziamento da mama garante a reposição total do leite removido. (Ministério da Saúde, 2009)

O Ministério da Saúde, a Organização Mundial da Saúde e a Sociedade Brasileira de Pediatria são alguns dos órgãos responsáveis por apresentar documentos oficiais com fins de unificação e proteção à amamentação. Neles, é possível encontrar informações que são direcionadas tanto a profissionais que atendem o público materno-infantil quanto à comunidade em geral, trazendo discussões pertinentes sobre a saúde de bebês e de crianças, assim como também da nutriz (termo técnico que será utilizado para nos referirmos à pessoal responsável pela amamentação).

Durante esse diálogo, é importante lembrar que falaremos de uma dupla, nutriz e bebê, e que ambos exercem papéis fundamentais para que a amamentação ocorra, mas é preciso enxergá-los individualmente. A discussão precisa ser desenvolvida abordando benefícios para a criança e pontuando elementos positivos e negativos para quem nutre, pois somente essa pessoa pode decidir sobre algo que diz respeito ao seu corpo e gerenciar suas decisões conscientemente.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, em seu Guia Prático de Aleitamento Materno (2020), o aleitamento materno ideal deve ocorrer desde a sala de parto até dois anos ou mais, exclusivo e em livre-demanda até o sexto mês e complementado, a partir daí, com alimentação saudável e equilibrada. Isso também é defendido por outros documentos oficiais, tais como o Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos do Ministério da Saúde (2019). Esse documento ainda acrescenta que não há tempo máximo estabelecido para o fim da amamentação, podendo durar enquanto for desejada pela nutriz e pela criança.

A primeira sessão do Guia Alimentar é dedicada para falar sobre o primeiro alimento que os bebês deveriam receber e também apresenta alguns benefícios para a saúde, em âmbito biológico do aleitamento materno:

O único que contém anticorpos e outras substâncias que protegem a criança de infecções comuns enquanto ela estiver sendo amamentada, como diarreias, infecções respiratórias, infecções de ouvidos (otites) e outras. Os 2 primeiros anos de vida são os mais decisivos para o crescimento e desenvolvimento da criança, com repercussões ao longo de toda a vida do indivíduo. A amamentação nesse período pode prevenir o aparecimento de várias doenças na vida adulta. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019, p. 21).

É importante pontuar que apenas o aleitamento materno não pode garantir o futuro em relação à saúde das crianças, esse pensamento seria fatalista, uma vez que

existem outros fatores socioeconômicos que corroboram para o desenvolvimento pleno na infância. Assim como também ter ciência apenas do que o leite materno pode prover não é o suficiente para garantir que o aleitamento ocorra, afinal, conforme o Ministério da Saúde, em Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno:

É necessário atuar no sentido de garantir, por meio da proteção legal, o direito à amamentação; da mesma forma, é necessário desenvolver ações voltadas à promoção da amamentação, mobilizando a sociedade para que esses direitos sejam cumpridos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p. 12).

Práticas culturalmente naturalizadas e práticas hospitalares que contrariam a amamentação em livre demanda têm levado mulheres a descrerem de seus corpos (como a crença de possuir “leite fraco”, que não nutre e nem sacia a fome do recém-nascido), acarretando em uma série de fatores que podem atrapalhar o início da AME, como o afastamento da dupla após o nascimento, a oferta de outros leites, não permitir a hora dourada no primeiro momento de vida, mesmo que ambos estejam em boas condições de saúde.

Pensando na proteção da AME e em dispositivos legais citados pelos documentos oficiais, temos o Decreto Lei nº 5.452 de 1º de maio de 1943, que permite 120 dias de licença maternidade sem prejuízo salarial bem como as leis que protegem os direitos da criança, tal como a Lei nº 13.257, que, segundo o Ministério da Saúde (2017):

Fomenta e subsidia a criação de políticas públicas, programas, serviços e iniciativas voltados à promoção do desenvolvimento integral das crianças desde o nascimento até os 6 anos de idade. A lei aborda a promoção, a proteção e o apoio ao aleitamento materno, como: direito das gestantes e famílias com crianças na primeira infância em receber orientação e formação sobre maternidade e paternidade responsáveis e aleitamento materno e alimentação complementar saudável. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017. p. 18).

É através do conhecimento desses direitos que podemos exigir que toda orientação, formação e cuidados aconteçam antes, durante e após o nascimento da criança. É através deles que podemos ampliar o que está dito nos documentos oficiais, os quais nem toda a comunidade e, principalmente, as famílias têm acesso.

É necessário também desmistificar tabus, crenças culturais que podem atrapalhar a AME, como questões voltadas à alimentação da nutriz, aos processos fisiológicos de um recém-nascido, à crença do “pouco leite” entre outros. Segundo o Guia Alimentar (2019), entende-se que as informações veiculadas indiscriminadamente pela internet podem reforçar todas essas problemáticas por estarem desatualizadas ou equivocadas, da mesma forma que também podem estar desconsiderando evidências científicas.

Com a chegada dos anos 1990, vive-se uma retomada do movimento em prol da amamentação, passando a se discutir como o aleitamento é uma responsabilidade de todos e não apenas da nutriz. Em 1991, nasce a *World Alliance for Breastfeeding Action* (WABA), criada para acompanhar os compromissos acordados entre os países na assinatura do documento da “Declaração de *Innocenti*”, tendo como ações: 1) estabelecer um comitê nacional de coordenação da amamentação, 2) implementar “10 passos para o sucesso da amamentação” em todas as maternidades, 3) implementar o Código Internacional de Comercialização dos Substitutos do Leite Materno e todas as resoluções relevantes da Assembleia Mundial de Saúde e 4) adotar legislação que proteja a mulher que amamenta.

De 1991 a 2022, percorremos um longo caminho e tivemos melhorias nas conquistas adquiridas ao longo desse tempo, unificando lutas conjuntas pelo apoio e incentivo ao aleitamento nas políticas públicas. Foram vitórias desse período: 1) a iniciativa do Hospital Amigo da Criança no Brasil em 1992; 2) criação da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, em 1998; 3) a aprovação da lei federal nº 11.770 de 2008 que incentiva fiscalizar empresas para que elas garantam 6 meses de licença maternidade às nutrizes; 4) criação da Rede Amamenta Brasil; 5) a criação da Rede Cegonha, em 2011; 6) integração de duas ações do Ministério da Saúde: Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, em 2012, entre tantas outras medidas de prevenção e proteção.

Com a criação da WABA, em 1992, nasce a Semana Mundial de Aleitamento Materno, trazendo temas pertinentes para serem trabalhados em forma de campanhas durante a primeira semana de agosto e atualmente passamos o mês de agosto inteiro dedicando-se às campanhas e aprofundando as temáticas que envolvem a AME. A cada ano, é lançada uma série de materiais informativos, posters, logo e cartazes que são traduzidos em 14 idiomas, adaptando o tema para a realidade de cada país. Podemos encontrar a lista dos temas no site da WABA, com

materiais traduzidos para o Português a partir de 2006. Abaixo seguem em destaque os temas dos últimos anos que serão pertinentes em nossa análise:

**2019** - *Empower Parents – Enable Breastfeeding* (Capacite os pais e permita a Amamentação, Agora e no Futuro);

**2020** – *Support Breastfeeding for a Healthier Planet* (Apoie o AM para um Planeta Mais Saudável);

**2021** – *Protect Breastfeeding – A shared responsibility* (Proteger o AM: uma Responsabilidade Compartilhada);

**2022** – *Step up for Breastfeeding – Educate and Support* (Fortalecer a Amamentação: Educando e Apoiando).

Existe uma certa descentralização da mulher dentro das discussões voltadas ao aleitamento materno. Ironicamente, sendo ela figura central da tomada de decisões, única responsável pelo seu corpo, pelos seus seios, e uma das responsáveis principais pelas crianças. Os documentos sempre apontam alguns dos benefícios trazidos pela amamentação para as mulheres, como a aceleração da involução uterina reduzindo o sangramento pós-parto, ampliação do tempo entre as gestações e partos e redução provável de alguns tipos de cânceres de mama e de ovário, como também o desenvolvimento de diabetes (VICTORA et al., 2016). Mas sempre esquecem de mencionar como a amamentação influencia socialmente aquela mulher. É apenas através de campanhas que pensamos em abrir espaço de escuta, acolhimento e formação para esse grupo.

## 2.1 CULTURA DO DESMAME

Compreender que somos seres sociais e que nossa visão de mundo é construída através dos discursos que nos transpassa, pode ser ponto determinante para que a amamentação aconteça, pois, a partir dessa consciência de espaço que ocupamos, talvez seja possível nos libertarmos dos discursos hegemônicos que nos impedem de amamentar.

São inúmeras as razões que guiarão o nosso não amamentar. A amamentação se configura como um processo bio-psico-social, sabendo que não podemos separar o “ser biológico” e o “ser social” e que a discussão desenvolvida aqui tentará não se

reduzir nem a uma coisa e nem a outra. Segundo Fialho et al. (2014), a AME não é um comportamento totalmente instintivo e a técnica precisa em alguns casos ser aprendida.

Assim como também é necessário que saibamos que existe uma infinidade de cenários nos quais a amamentação irá ou não acontecer, e os porquês. Alguns fatores que corroboram para que o desmame precoce aconteça é o nível de escolaridade das nutrizes, onde podemos perceber que há uma probabilidade maior de desmame antes dos seis meses, assim como também há uma supervalorização da AME por mulheres com maior nível de instrução, segundo Fialho e tal (2014), há outras questões também que envolvem o *statuos quo* da nutriz, tabus, pressão estética, e falta de suporte atualizado por profissionais de saúde, apenas para citar alguns motivos que fortalecem a cultura do desmame como um processo que foi naturalizado e que abarca várias nuances.

O óbvio precisa ser mencionado quando necessário, e entender que a decisão da nutriz em amamentar ou não é influenciado por fatores culturais e sócio econômicos.

O modelo de sociedade atual com suas instituições (família, escola, igreja) partilha situações forjadas para perpetuar as relações de poder nas práticas cotidianas subordinando a mulher e naturalizando a exclusividade do ato alimentar, o que difere do ato amamentar. (GIORDINI et al. 2016, p. 2733).

Ou seja, nota-se que ainda que a não amamentação, mesmo que a prática seja colocada culturalmente como natural e sinônimo de liberdade para mulheres, continuará subordinando mães como as únicas responsáveis pela alimentação. Compreende-se que não deve existir uma anulação das funções que o materno envolve, nem da luta por nos desprender das amarras e performatividade que esperam que mulheres cumpram na sociedade. Isso implica em percebermos a manipulação de grandes indústrias alimentícias e farmacêuticas que lucram bilhões com a falta de discussões sobre amamentar, sobre os direitos das nutrizes; assim como também o Estado continua se omitindo de suas responsabilidades, não garantindo o aprofundamento nas discussões e uma assistência materno-infantil adequada.

O Instagram, aplicativo de rede social, se tornou bastante popular para o compartilhamento de fotos no Brasil a partir de 2015, gerando uma virada de

percepção em relação ao compartilhamento de informações e criando a possibilidade de uma rede maior com criação de *hashtags*, auxiliando na manifestação das pessoas para determinados temas. Um deles, sendo a amamentação. Porém, sendo um espaço livre, que não garante uma interação face-a-face, as informações/conteúdos podem misturar-se entre crenças, experiências, informações desatualizadas ou informações baseadas em evidências científicas.

Amamentar pode ser visto como resistência e tem sido uma discussão pertinente na rede, principalmente com o crescimento das *hashtags* relacionadas ao Agosto Dourado – quando se enfatiza a necessidade da AME e união entre mulheres, sempre procurando enxergar a AME como luta contra a Cultura do Desmame e entender o que ela é e faz.

A falta de apoio à AME pelo Estado e pela sociedade denuncia o descaso com mulheres e crianças no mundo inteiro, especialmente no Brasil. Quando falamos sobre resistir, é compreender que nossa sociedade fala sobre promover saúde superficialmente, é não aceitar que nosso amamentar já esteja findado, pois esperam que a gente amamente sem suporte algum e políticas que nos protejam, e, principalmente, é recusar esse lugar de culpa que a sociedade sempre tenta nos colocar devido às nossas decisões em relação ao nosso corpo. Sobre a Cultura do Desmame no nosso país, é importante saber que:

Amamentar é união da mente, do corpo físico e apoio social. Sucesso no aleitamento depende da cultura em que a mulher está inserida. No Brasil, nossa cultura é a do desmame. Bebês desmamados precocemente são lucro para a indústria do leite que ganha bilhões. Consequentemente a indústria farmacêutica anda junto da indústria do desmame. É preciso estar atenta e entender a cultura que estamos inseridas para que as nossas vulnerabilidades não sejam atacadas pelo capital. (LINDER, 2021, p. 07).

Observando todo esse cenário, é urgente a denúncia contra essa grande indústria que trabalha a favor do desmame, mas é também urgente entender a importância da amamentação para a dupla bebê e nutriz e desconstruir essa Cultura já enraizada. É preciso discutir políticas públicas permanentes que protejam o direito da mulher que deseja amamentar, assim como também é indispensável trazer essas discussões tanto para a comunidade, como também (e principalmente) para profissionais de saúde.

Reafirmando que para amamentar não só basta querer, é aqui onde entra o papel da comunidade que se dedica ao cuidado materno-infantil. É necessária uma rede multidisciplinar (fonoaudiólogas, pediatras, osteopatas, enfermeiras, nutricionistas, obstetras, consultoras, psicólogas...) que esteja em concordância para realizar o suporte necessário. Muitas vezes é através dessa rede que conseguimos garantir o sucesso da amamentação.

Porém, ainda encaramos alguns desafios quanto a isso, como por exemplo o conflito de interesses que comprometem e influenciam, de maneira imprópria, a decisão de amamentar ou não, tornando essa decisão como escolha inconsciente. Além disso, ainda enfrentamos um apelo emocional, muitas vezes disfarçados de um discurso empático, tirando toda a responsabilidade que aquele profissional deveria ter, além de desprezar e subestimar o entendimento da puérpera<sup>2</sup>. Segundo Peres e Pegoraro:

O profissional de saúde não está isento de desenvolver suas crenças e assimilar mitos a partir de sua visão de mundo, de saberes que foram construídos ao longo de sua formação, o que evidencia a necessidade de permanente processo de formação a fim de que novos conceitos baseados em evidências científicas sejam assimilados. (PERES; PEGORARO, 2014, p. 280).

Contribuem para a discussão elementos pautados na constituição machista, eurocêntrica e racista da sociedade, tais como: 1) licença maternidade de 120 dias, que aflige mulheres de todas classes sociais, principalmente lactantes da classe trabalhadora que, permanecem com o medo constante de perderem seus empregos ou que ficam à mercê do empregador por falta de vínculo empregatício formal; 2) a misoginia que lidamos diariamente tendo nossos corpos hiper sexualizados, incluindo nossos seios, tornando o Amamentar como algo nojento ou erótico; 3) a falta de apoio para amamentar ofertando maisena/água de arroz e água não tratada, deixar seu filho para cuidar de filhos de outras pessoas – e ainda iremos perpetuar a falsa ideia de que amamentar é função única das/para mulheres pobres e quem afirma isso, não enxerga todas essas nuances.

---

<sup>2</sup> Puérpera é adjetivo feminino e substantivo feminino que se refere a quem deu à luz muito recentemente (ex.: *mulher puérpera*; *o médico deu vários conselhos às puérperas*). Uma palavra sinônima é parturiente.

É urgente que discutamos sobre nossos direitos enquanto cidadãos e mães, pois há uma incompatibilidade entre todas as funções que esperam que mulheres exerçam além da amamentação. Como afirma Almeida e Gomes (1998), a maternidade precisa e deve ser vista como uma questão de cidadania e o aleitamento materno como um dos atributos que a categorizam.

O capitalismo que rege o funcionamento da sociedade e como mulheres deveriam ser socializadas – a base do silenciamento e não pertencimento dentro da comunidade – viabiliza a concentração de um grande lucro a partir da fragilidade e da vulnerabilidade em que mulheres foram inseridas desde o seu próprio nascimento. Se considerarmos que a sociedade espera que mulheres sejam reprodutoras e as silencia, podemos contar que gerar e colocar crianças no mundo se tornará o padrão compulsório delas, é ter a garantia de um lucro eterno. Esse sistema tem cara, cor, teto sobre a cabeça e prato de comida farto, ao passo que mulheres e crianças são negligenciadas. É impossível falar sobre amamentação sem destacar essa grande rede bilionária que vem lucrando e dissimulando informações importantes.

Foi pensando em como a Indústria Alimentícia/Farmacêutica e a Cultura do Desmame funcionam, através da naturalização de apetrechos que atrapalham a amamentação (como mamadeira e chupeta, que encontramos nos chás de bebê), de embalagens que utilizam de artifícios visuais para confundir os alimentos direcionados para o público infantil, ou até mesmo das propagandas em TVs e jornais que apresentavam leites de vaca como mais forte e completo que o leite humano, que em 2006 foi sancionada como Lei nº 11.265, a Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras (NBCAL) com o intuito de contribuir com o aleitamento materno. Segundo o Ministério da Saúde:

A aprovação da NBCAL em 1992 representou marco importante para a história do aleitamento materno no Brasil, pois se constituiu instrumento legal para regular a promoção comercial e o uso apropriado dos alimentos que estão à venda como substitutos ou complementos do leite materno, bem como de bicos, chupetas e mamadeiras. (Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno, 2017. p. 15)

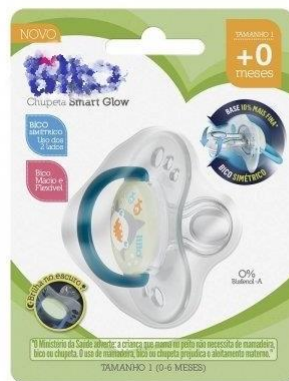
Figura 1 Embalagens de composto lácteo e fórmula

NBCAL:



Fonte: NBCAL

Figura 2 Chupeta, elemento da cultura do desmame



Fonte: Google imagens

Na Figura 1, é possível observar como as duas embalagens são parecidas, apesar de conterem conteúdos diferentes. A primeira é composto lácteo, produto mais barato no mercado e não recomendado para crianças menores de 2 anos, segundo o Guia Alimentar Para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos (2019), eles (composto lácteos) são produzidos com uma mistura de leite (no mínimo 51%) e outros ingredientes lácteos ou não lácteos e costumam conter açúcar e aditivos alimentares. Não sendo recomendado pelo Guia para crianças menores de 2 anos

Na segunda imagem da Figura 1, temos a fórmula infantil – sendo ela o único substituto seguro e adequado para alimentação de bebês de até 1 ano de idade de acordo com a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). De acordo com o Guia Alimentar (2019), as indústrias de alimentos modificam o leite da vaca, alterando a quantidade de proteínas, sódio, gorduras, açúcares, vitaminas e minerais para que se torne compatível com a maturação do organismo das crianças. Por conterem

embalagens parecidas, o consumidor pode se confundir ou até mesmo por falta de conhecimento, optar pelo “leite” mais barato, considerando que a fórmula infantil é mais cara.

Já na Figura 2, observamos um produto bastante comum e naturalizado desde a gestação ao chá de fraldas, a famosa chupeta. Existindo várias alternativas: que brilham no escuro, personalizadas com o nome do bebê, com estampas de pintores famosos, que “imitam” o formato do mamilo. Existe uma variedade de formatos e tamanhos de seios, aréolas e mamilos, seria impossível conseguir imitar o “bico” do seio em um apetrecho artificial. Como a questão da anatomia do mamilo é usada como argumento para uso de mamadeiras e chupetas, achamos necessário, para fins informativos, fazer um parêntese acerca do assunto.

A seguir, na Figura 3, apresentamos diferentes mamilos e uma breve explicação sobre essa questão.

Figura 3 Formatos de mamilos



Fonte: Google imagens

Na imagem à esquerda, vemos mamilos planos ou rasos, quando o bico não é proeminente, projetado para frente, isto é, a aréola e o bico ficam na mesma linha. Mas quando estimulados pelo toque dos dedos ou lábios do bebê apresentam projeção da mesma maneira que o mamilo protuso. Na imagem central, os mamilos protusos são aqueles que o “bico” se projeta à frente da aréola, são grandes e marcam na roupa. Ficam rígidos facilmente quando estimulados pelo toque dos dedos ou lábios do bebê ou até mesmo em temperaturas baixas. Já a imagem da direita são mamilos invertidos, aqueles em que o bico está para dentro da aréola, como se fossem “cavinhas”. Quando estimulados pelo toque dos dedos demoram a sair e às vezes nem saem. Alguns formatos anatômicos podem trazer mais facilidade ou dificultar um

pouco o processo da amamentação no início, mas nenhuma se torna impeditivo para amamentar, desde que não se faça uso de bicos artificiais.

É graças a NBCAL que há, tanto a mamadeira, bico de silicone, quanto na chupeta, a seguinte advertência: “O Ministério da Saúde adverte: - A criança que mama no peito não necessita de mamadeira, bico ou chupeta. – O uso de mamadeira, bico ou chupeta prejudica o aleitamento materno”.



Figura 4 Chupeta mostrando a advertência do Ministério

Fonte: Ministério da Saúde

Além disso, ainda existem desafios a serem enfrentados, afinal, a taxa em relação ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança segue de 54 dias. Ou seja, além de todos os outros fatores que podem interromper a amamentação, as empresas alimentícias continuam achando formas de burlar a NBCAL, seja através de influenciadoras no Instagram, seja financiando especializações dos profissionais – gerando o tal do conflito de interesses. Mulheres continuam sendo assediadas pela mídia, com discursos que reforçam a rivalidade entre nós, para desfocarmos do principal.

Para que possamos ir além, precisamos entender os benefícios da amamentação, tanto para a criança, quanto para a mulher e o que os documentos oficiais falam e como o discurso pode abraçar uma causa genuinamente ou apenas trazê-la superficialmente. Por isso, o enfoque discursivo de nosso trabalho, em particular no viés da Análise Crítica De Discursos.

Para esse campo de estudos, o discurso acontece como prática social e podemos pensar nele como forma de exercer poder ou de modificar o meio em que o indivíduo se encontra. Nesse sentido, Nascimento et al. (2020, p. 54) define poder como:

Para a ADC, o poder é visto na sua dimensão política, relacionado assim à estrutura social. Fairclough (1989, p.43) postula dois aspectos desse relacionamento: a) o “poder no discurso”; e b) o “poder por trás do discurso”. O primeiro refere-se à atuação que indivíduos exercem para impor restrições de conteúdo, de relações e de posições que os sujeitos ocupam em uma situação de prática social cara a cara. [...] No que concerne ao segundo – o poder por trás do discurso – na sociedade contemporânea, as relações também acontecem, se não unicamente, em alguns casos, à distância, por meios de comunicação de massa, como rádio, TV e internet.

A partir dessa concepção, entendemos que para uma análise de discursos em textos que se constituem não somente de palavras, é preciso conceber texto como algo além da materialidade verbal. Sobre isso, o posicionamento de Kress e Van Leeuwen (1996, p. 42) acerca da predominância de uma perspectiva verbal em detrimento de outras concepções de texto:

a oposição à emergência do visual como um meio de representação propriamente dito não se baseia em uma oposição ao visual em si, mas uma oposição em situações em que ele se constitui uma alternativa à escrita e, portanto, pode ser compreendido como uma ameaça potencial à presente dominância do letramento verbal entre grupos de elite.

Sobre a organização de recursos verbais e não-verbais, Dionisio, Vasconcelos e Souza (2014) salientam que essas diferentes construções não são equivalentes nem veiculam os mesmos significados, não meramente coexistem e a imbricação entre eles pode afetar a forma e a leitura da mensagem veiculada. Na seção seguinte, detalhamos de que forma selecionamos o corpus e as categorias para análise.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa qualitativa busca responder a seguinte pergunta: "Como os discursos reproduzidos nas redes sociais funcionam como manivelas para a Cultura do Desmame?". Para embasarmos nossa pesquisa quanto ao que se refere sobre amamentação, desmame precoce e cultura do desmame, selecionamos documentos oficiais de saúde: Guia Prático de Aleitamento Materno (2020), Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 anos (2019) e Bases para a discussão Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno (2017), sendo os dois últimos documentos, respectivamente, do Ministério da Saúde. Também foram selecionados textos dentro da área da Bioética. Temas como: Condições desiguais como causas para a interrupção do aleitamento materno (PERES; PEGORARO, 2014) e Amamentação: um híbrido natureza-cultura (ALMEIDA; GOMES, 1998), entre outros, foram utilizados para construir nossa análise.

Nesta análise, buscamos observar como a construção do discurso médico, validado socialmente, exerce seu poder através de postagens no Instagram, reforçando a Cultura do Desmame ou incentivando a AME. Por isso, a pesquisa recorre à Análise Crítica de Discursos para investigar como os discursos verbo-visuais veiculados por profissionais da área da saúde voltada para ao atendimento materno-infantil contribuem com o desmame precoce. Para selecionarmos o corpus da pesquisa, utilizamos a busca pela seguinte tag na rede social Instagram: #SMAM – referente Semana Mundial da Amamentação – fazendo um recorte cronológico entre os anos de 2019 e 2021, anos que tiveram um aumento de postagens relacionadas ao tema. Foram selecionadas 8 postagens feitas por profissionais da saúde - exclusivamente mulheres. A partir daí, organizamos a análise dos posts em imagens (considerando o conjunto texto-imagem) com as categorias de aspectos composicionais e ideacionais, e textos verbais, veiculado nas legendas das imagens, frequentemente permeados de hashtags ou emojis, mas com foco particular nas escolhas lexicais e nas construções sintáticas.

#### 4. ANÁLISE

Nos posts a seguir, iremos observar o funcionamento discursivo através da rede social Instagram, em que as profissionais de saúde utilizam de linguagem escrita-verbo-visual, não propositalmente, como artifícios para alcançar o público-alvo, majoritariamente, as mães, para se posicionarem durante o evento da Semana Mundial da Amamentação e o Mês do Agosto Dourado (sendo esse último, iniciativa do Brasil para incentivar a amamentação durante todo o mês). Para facilitarmos a fluidez da leitura, iremos organizar essa análise, em primeiro lugar, trazendo quatro posts que se colocam a favor da Cultura do Desmame e, logo em seguida, os posts em prol da amamentação.

Pode-se observar na Figura 5, o post: “Aqui também cabe amor: Não julgue”, escrito por uma profissional da pediatria, a ausência de imagens que correlacione com a temática da Semana Mundial da Amamentação. Ou seja, não há a presença de uma imagem de criança mamando e da nutriz. A cor rosa utilizada no texto da imagem direciona para o público feminino, uma vez que esse debate do julgamento entre mulheres mães ocorre dentro do público feminino, ainda que a seleção da cor seja sexista.

Figura 5 Post de Instagram 1

Aqui também cabe amor:



@xoleite

Não julgue



Figura 7

Fonte: Instagram (2022)

Em seguida, pode-se observar a figura central da “mamadeira” alinhada com “não julgue” – em referência ao conflito ideológico e social de que mães que usam mamadeira estariam menos preocupadas com a nutrição das crias ou investiriam menos afeto na criação, por isso, não caberia às mães lactantes julgar. Em “aqui também cabe amor” aponta pelo dêitico para a mamadeira e cria uma oposição ao seio, enquanto fonte de alimento e de afeto.

Partindo para o texto da postagem, notamos que o texto não foi escrito pela pediatra, ou seja, há um alinhamento discursivo-ideológico. O perfil que de fato escreveu o texto não é uma profissional de saúde; é uma mãe produzindo conteúdo a partir de sua experiência com APLV (Alergia à Proteína do Leite de Vaca). A pediatra reveste de autoridade médica um discurso que não vem da medicina nem de uma formação científica específica. Quando é citado: “só pode falar isso quem colaborou com a realização”, a autoridade da médica valida o discurso de alguém que não participou desse processo.

É necessário ressaltar que amamentar crianças com restrição alimentar – pensando que um grupo seletivo passará por essa experiência – é um grande desafio e o perfil dono do texto traz sua experiência, então, do ponto de vista laico-vivencial ela tem autoridade para se colocar, e o papel da médica aqui foi de validação através do manto da ciência.

Como já mencionado anteriormente, há um distanciamento das informações necessárias para que a AME aconteça, e muito disso tem a ver com a forma que se romantiza o materno (desde a gestação ao nascimento da criança). O post poderia ser voltado para informar o público sobre a APLV ou até mesmo disseminar informações importantes, como por exemplo, quais profissionais buscar por orientação para que haja a mudança de alimentação da mãe para que a AME possa ter continuidade e o bebê possa passar pelo processo de tratamento da alergia. Mas o post vai no caminho inverso. Ele recorre à afetividade para validar o discurso do ponto de vista experiencial, um discurso laico, impedindo o discurso da ciência de acontecer – “Acalme seu coração. Você demonstra o seu amor de infinitas maneiras. Ama e é amada”.

Por último, o texto reitera o “não julgue, não se julgue” – retomando a mensagem em foco na imagem e dispensando quatro linhas de texto para reiterar o papel das mulheres que amamentam em não representar uma influência negativa no processo das mulheres que foram impedidas de amamentar. Há uma equiparação da

experiência da nutrição das crias, mesmo havendo diferenças no processo e anulando o saber científico da área.

Figura 6 Post 2 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

Na Figura 6, o post: *mommy loves me* ou “mamãe me ama”, é necessário, primeiramente observar alguns pontos de partida: o texto é escrito pela mãe da criança, que é médica, porém ele assume o ponto de vista do bebê – personalizando o discurso do não julgamento, não de mulher com saber científico ou experiência de privação de amamentação, mas de um filho que perdoa a mãe (bebê se refere à mãe como Dra.) por não seguir o processo de amamentar, mas fazer o uso de mamadeira.

No texto é mencionado “duas internações e uma rotina com três crianças”, uma referência ao trabalho de cuidado da maternidade e como a sobrecarga de trabalho com outras crianças também interferiu na escolha pela fórmula.

Como mencionado na primeira nota de rodapé, o leite é produzido de acordo com a demanda e a sucção do bebê. Maior parte do leite é produzido durante a mamada. Se não há mamadas, o leite vai diminuindo a demanda (e começa o processo de diminuição de fluxo até chegar o momento de parada de produção). A médica menciona no texto que “o leitinho foi diminuindo e ela estava muito fragilizada”, havendo uma diminuição do leite pela adoção de fontes extras de nutrição – tanto porque a mulher precisava cuidar de outra rotina doméstica e materna, quanto pelas internações que provavelmente levaram à nutrição de outras maneiras.

O momento do puerpério pode ser bastante turbulento devido as mudanças que ocorrem, tanto na rotina, quanto questões hormonais. Além disso, outros acontecimentos podem intensificar essa experiência, fragilizando a mãe, tal como: falta de uma rede de apoio e/ou hospitais/profissionais que não priorizam práticas que sejam a favor da AME. Enviezadamente, o post acaba por assumir que é possível reduzir a maternidade à amamentação – se ela acontece ou não, está tudo bem. Mas quem são os prejudicados nesse processo? Poderíamos pensar, inicialmente, que o principal prejudicado fosse a criança – que não foi amamentada -, mas esse bebê certamente foi alimentado com fórmula infantil. Portanto, os prejuízos de uma não-amamentação também recaem sobre a mãe, que se sentirá culpada por não conseguir alcançar a expectativa que a sociedade impõe para a performicidade do materno, quando na verdade o que houve foi uma falha dessa mesma sociedade em dar suporte para essa mulher, que mesmo sendo médica, também é mãe.

O post seguinte, referente a Figura 7, o Post: “Todas nutriram”, retomamos a essa ideia de que a maternidade pode ser reduzida à amamentação quando diz que “e não conseguir, não poder, não define a mãe que você foi”.

Figura 7 Post 3 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

Ao observar a imagem, composicionalmente há três tipos de nutrições junto de uma passagem do texto para equiparar o resultado dessas três formas. A mamadeira está acima do peito e da sonda, o bebê mais novinho é visto à direita com a sonda (levando à inferência de um prematuro), à esquerda (informação considerada como dada, ou seja, sem novidades) está a amamentação com um bebê que nem é prematura, mas não é tão desenvolvido como o bebê da mamadeira – o que pode até criar a imagem de um fluxo do ponto de vista composicional.

No corpo do texto encontramos a seguinte frase: “Agosto (dourado) não é sobre quem não conseguiu, mas para que todas saibam que é possível” – trazendo a ideia de que é possível nutrir, mas não necessariamente amamentar, ou seja, não há um debate sobre o aleitamento na postagem. Novamente encontramos uma pediatra alinhada ao discurso de equiparação dos resultados das diversas fontes de nutrição, sem levar em consideração as consequências para o desenvolvimento do bebê – que pode ser afetada através do uso de outros meios não tão seguros para amamentação.<sup>3</sup>

O post poderia tratar de informações sobre como manter a AME, mas opta por focar em “e não conseguir, não poder, não define a mãe que você foi”, como se ser mãe resumisse-se em amamentar. “Agosto é sobre todas” – mas aqui não é sobre mulheres que precisam de uma militância compromissada com a AME, que dedica seu tempo para lutar para conquistar condições dignas de trabalho que sejam compatíveis com AME, que se empenha em focalizar no suporte e apoio profissional de forma integral para que mais mulheres consigam, conscientemente, decidir o destino da sua trajetória quanto a amamentação.

Para concluirmos com a seleção de posts que se posicionam contra a amamentação, observaremos a figura 8, post escrito por uma pediatra – contendo imagem de uma criança utilizando a mamadeira; o rosto da criança foi desfocado para ter sua imagem preservada:

---

<sup>3</sup> O uso de mamadeiras prejudica a habilidade da criança de regular o apetite, podendo ocasionar ganho de peso excessivo. Além disso, pode causar confusão de bicos para a criança que mama no peito, podendo levar ao desmame precoce. Mesmo para a criança maior de 1 ano não se recomenda a mamadeira, pois é mais difícil de ser higienizada, podendo causar infecções. O uso da mamadeira faz com que o movimento e a posição da língua prejudiquem o desenvolvimento da deglutição, mastigação e fala. Desde cedo, as crianças aceitam muito bem a oferta de líquidos em copo. (Ministério da Saúde, 2019, pag. 105 e 106).

Figura 8 Post 4 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

O post foi escrito em 2018, mas repostado para referenciar a hashtag da SMAM de 2020. Ele faz uma relativização do próprio conteúdo: “não se trate de apologia à mamadeira, mas à aceitação de outros caminhos nutricionais quando o aleitamento não funciona – sem ao menos questionar ou refletir sobre o porquê ele não funciona. Ou seja, preserva-se a estrutura de poder social que prioriza o mercado da fórmula, a cultura do desmame em detrimento da reorganização do cuidado em dar o suporte necessário para mãe e bebê.

O texto traz um paralelismo que reitera a simplicidade de casos de impedimento por saúde, condições de trabalho, ou seja, situações que não são nada simples

quando se aponta: “algumas simplesmente NÃO TEM LEITE SUFICIENTE” e “algumas simplesmente NÃO querem”. Esses dois trechos chamam bastante a atenção por trazerem caixa alta para dar ênfase em pontos específicos. Segundo o Guia Alimentar (2019):

A quantidade de leite que a mulher produz depende principalmente de quanto de leite está sendo consumido pela criança ou retirado da mama. Logo, quanto mais vezes a criança for ao peito e mais leite consumir, mais leite a mulher vai produzir. Isso explica por que as mulheres podem doar leite sem que isso prejudique a amamentação de seus filhos, assim como mães de gêmeas ou gêmeos são capazes de alimentar as crianças exclusivamente com o seu leite. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019, p. 25)

Logo conseguimos entender que a quantidade de leite produzida é de acordo com o consumo do bebê: quanto mais ele mama, mais leite será produzido. Quebrando a ideia de que existe tal coisa como leite insuficiente – medo da maioria das mulheres quando se discute sobre amamentar. Salvador et al (2014) observou em um estudo realizado com crianças atendidas pelo Programa de Saúde da Família, alguns fatores que as mães alegavam como motivos para o desmame precoce, entre as causas de desmame relatadas, 63,2% foram inerentes a mãe e aqui é citado alguns desses: “leite secou” (23,7%), “tinha pouco leite” (13,1%), “precisava trabalhar” (7,9%), “decidiu parar” (5,3%), “estresse” (5,3%), “recomendação médica” (5,3%).

Observando um pouco mais esses dados, pode-se perceber um maior percentual em “leite secou” e “tinha pouco leite”, o que reforça a falta de informação sobre como a AME ocorre. Teço aqui uma crítica não somente aos profissionais de saúde que atendem o grupo materno-infantil, que deveriam ter a obrigação de compreender todo o funcionamento para melhor atender as famílias, mas também crítico uma sociedade inteira que se move para que mulheres continuem desconhecendo sobre o funcionamento de seu próprio corpo. Quando pensamos em “pouco leite”, logo interligamos a ideia de que não somos suficientes. E é através desse discurso que conseguem nos prender a esses tabus, nos fragilizar e criar uma guerra entre mulheres mães – guerra essa que não deveria existir. Quando observamos a seguinte frase: “VOCÊ NÃO ACHA QUE O COLOSTRO É IMPORTANTE PARA SUA FILHA? – Sim, eu acho, mas não tinha”, entendemos que 1) aquela médica também é mãe e independente de seu lugar no discurso médica, ela

será sim engolida pela cultura do desmame, e 2) a falta de conhecimentos biológicos sobre o colostro<sup>4</sup>/próprio corpo.

Agora, partiremos para os posts relacionados a SMAM que se colocam a favor do aleitamento. Neles, será possível observar várias camadas do discurso – onde tentaremos destrinchar esses detalhes para que possamos entender como o discurso age como manivela de sustentação de poder.

O post a seguir, referente a figura 09: “Amamentação e Privilégios”, nos mostra, em termos composicionais, há predominância da imagem – estando ela bem ampliada e representando a AME – porém, a imagem ainda divide espaço com o título do texto, que se encontra na parte superior horizontal da imagem, trazendo a ideia central como algo ideal. Não há um contato visual direto da mãe e bebê com o público, o que nos passa a ideia de oferta, dando a sensação de algo para ser admirado.

---

<sup>4</sup> O leite dos primeiros dias da amamentação é chamado colostro. Ele é um leite especialmente produzido para os bebês dessa idade. Tem mais proteínas e é rico em anticorpos e outras substâncias que ajudam a criança na proteção contra doenças. (Ministério da Saúde, 2019, pag. 24)

Figura 9 Post 05 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

O tema da SMAM do ano de 2021 foi: “Proteger a amamentação: uma responsabilidade de todos”, e a profissional utiliza de seu poder de discurso médico para trazer reflexões sobre o porquê das metas das taxas de amamentação ainda não terem sido alcançadas e o porquê da AME ser considerada um privilégio, quando na verdade deveria ser algo acessível para todas.

Nesse post são expostos os fatores – predominantemente questões sociais – que impedem que mulheres consigam amamentar exclusivamente pelo menos até o sexto mês de vida do bebê. Quando se diz que "é preciso falar sim sobre os benefícios do aleitamento materno, mas reconhecer que nem sempre é "mais fácil amamentar"

e que nem todas conseguem, principalmente as mulheres periféricas" é intencionalmente desvincular a ideia de que o não-amamentar não é algo para culpabilizar mulheres, pois não são elas as culpadas, mas sim denunciar toda a sociedade que não dá o suporte necessário. Segundo Salvador et al (2014),

Ao se referenciar essa correlação com o fator materno, faz-se necessário considerar o nível de escolaridade dessas mães. Nas referências analisadas, observa-se que àquelas com menor tempo de escolaridade tendem a desmamar antes dos seis meses. Em um estudo foi observado que a variável escolaridade materna se mostrou associada ao desmame precoce, isto é, quanto maior o tempo de escolaridade da mãe, maior a duração do aleitamento natural. Da mesma forma em outro estudo foi relatada uma maior prevalência do aleitamento materno exclusivo entre mulheres com maior escolaridade, e concluíram que mulheres com maior nível de instrução estão em fase de valorização do aleitamento materno exclusivo, e que essa tendência não atingiu estratos socioeconômicos menos favorecidos. (SALVADOR et al, 2014, p. 673).

Ou seja, existe uma denúncia à Cultura do Desmame como um problema social, além de ser uma questão de saúde pública – sendo responsabilidade do Estado em fortalecer a rede de profissionais e campanhas prol amamentação.

A figura 10 do post: "A amamentação é feita de amor, resiliência e sacrifícios", foi criado por uma pediatra. A imagem que acompanha o texto contém a foto de um bebê mamando e o seio materno. A foto divide espaço com o título, sendo a primeira encontrada na parte superior – algo ideal -, e título na parte inferior, como se a amamentação real acontecesse através de amor, resiliência e sacrifícios.

Figura 10 Post 6 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

Porém, antes de darmos continuidade à análise do discurso veiculado no perfil da profissional, é necessário pensar na AME por um outro viés: o da não romantização do ato. E por que é necessário reforçarmos esse pensamento antes de partirmos para próxima etapa? Pois bem, embora exista benefícios comprovados pela ciência e já citados aqui da amamentação para bebês e lactantes, precisamos entender que amamentar é um trabalho não remunerado, onde a nutriz se encontra em função de um outro corpo para nutri-lo. Há exaustão física, emocional e psicológica durante todas as etapas da amamentação, sendo umas mais tranquilas ou turbulentas devido a uma série de fatores: saltos de desenvolvimentos/(a)tipicidades do bebê, rede de apoio, trabalho, camada social que a lactante ocupa, questões hormonais e/ou psicológicas.

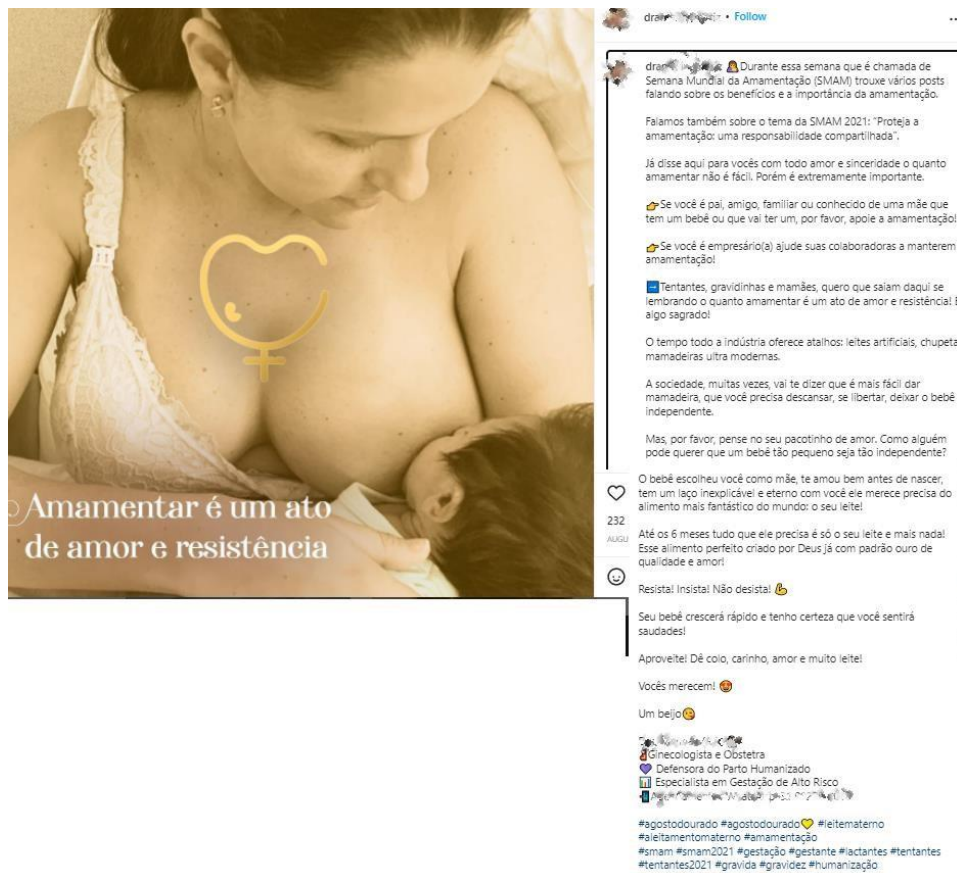
Portanto, por mais que esse post esteja sendo colocado a favor da AME, trazendo informações importantes sobre a SMAM, ele reforça a romantização da maternidade. E é preciso compreender que o materno é um espaço onde haverá sim decisões difíceis a serem tomadas pelas mães, sacrifícios, esgotamento de energia (a mulher se encontra totalmente envolvida no processo da AME e, infelizmente, na maior parte das vezes é a única responsável pela AME), e tratar tudo isso resumindo

em resiliência e amor é por em cheque a credibilidade de outras mulheres mães que não amamentaram; é pressupor que todo o cansaço e o peso da responsabilidade de cuidar de outro ser humano é uma tarefa que pode ser recompensada “apenas” com amor.

O próximo post, novamente, a representação real da AME e faz uma retomada dos discursos médicos com dados relativos à saúde pública, porém também retoma a questão dos privilégios sociais, ou das condições necessárias, para que a amamentação aconteça. Aqui fala-se da responsabilidade compartilhada – “se você é pai, amigo, familiar ou conhecido de uma mãe...” e “ se você é empresário(a) ajude suas colaboradoras a manterem a amamentação” – e, em diferente direcionamento dos anteriores, o termo julgamento aqui toma outro viés: não é de uma maior ou menor maternidade, ou de sucesso ou fracasso, mas a não culpabilização das mães pela falta de acesso às condições sociais necessárias para que a AME aconteça.

Na imagem que acompanha o texto também é possível observar o símbolo feminista transformado em coração, apontando para a necessidade de uma militância política e social. Todavia, esses discursos se mesclam ao discurso religioso, à criação do leite materno por Deus como algo perfeito e do ato de amamentar como algo sagrado, além do excesso de chavões motivacionais que também reforçam o sentimento de falha nas mulheres que foram impedidas (por falta de suporte) de amamentar.

Figura 11 Post 7 de Instagram



Fonte: Instagram (2022)

Para finalizarmos o corpo de análise desse trabalho, a seguir temos a figura 12, o Post: “Mães que não amamentaram: nós não queremos guerra com vocês!”. Apesar do texto imagético perder o critério de verossimilhança – cabendo ao texto verbal do post a força discursiva acerca da amamentação enquanto ato político – até porque há duas mensagens expressas no post: uma sobre não haver guerra com mulheres que não amamentaram (em convergência com os textos das campanhas contra amamentação), e outro focado exclusivamente na luta política pelo direito à informação e à amamentação.

Figura 12 Pot 8 de Instagram



**Mães que não amamentaram:**

Nós não queremos guerra com vocês!

Rede de Apoio

nutri Mais uma smam passou, e todo ano eu vejo o quanto o assunto "amamentação" gera desconforto e tanta polêmica entre mães. Mas na realidade, a nossa luta é também pelas mães que não amamentaram. Para que as mulheres não sejam induzidas a desistir da amamentação por falta de apoio, de informação ou de recursos. Muitas mães que desistem de amamentar, carregam a culpa por anos, por se sentirem incapazes, quando na realidade uma informação de qualidade a teria ajudado, mesmo que a ajudasse a tomar a decisão de forma mais tranquila e menos dolorosa. Amamentar vai além do amor, é um ato político, e somos desencorajadas todos os dias em todos os lugares a desistir, e é isso que queremos mudar! Não se ofendam, não é pessoal! Nós também lutamos por vocês, para que qualquer decisão, seja exclusivamente sua, e principalmente, que seja consciente!

#smam #smam2021 #agostodourado #amamentacao #breastfeeding #amamentar #maternidade #maternidadereal #resistencia #rededeapoio

Edited · 37w

Infelizmente sou muito atacada por não amamentar depois dos 3 meses e não vejo um lugar de apoio e compreensão. O amparo só vem pras que amamentam por anos

36w Reply

Liked by [laís](#), [ros](#), [jap](#) and others

AUGUST 10, 2021

Add a comment...

Fonte: Instagram (2022)

O texto verbal enfatiza o ato político da AME, expressamente afirmando que amamentar é mais que amor, ou seja, faz o caminho contrário dos outros textos, que levam o amor como maior argumento para “convencer” mulheres de que é preciso amamentar, sem conscientizá-las de forma direta sobre todos os desafios que é querer amamentar quando se estamos inseridas na Cultura do Desmame.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as questões elaboradas nessa pesquisa, por fim: A quem interessa o nosso amamentar? E, afinal, com quem queremos guerra? Essas foram algumas das indagações que me inspiraram para produzir esse trabalho, além das dificuldades que enfrentei pela falta de informação sobre o aleitamento durante a gestação e o nascimento de um bebê com fenda labial. Esse trabalho nasce de uma vivência e toma forma através da Análise Crítica de Discursos – ACD -, com o intuito de refletir, denunciar e utilizar da minha habilidade de produção discursiva como prática social para modificar o meio em que eu me encontro.

A presente pesquisa e o ato de refletir sobre a amamentação e a importância em falarmos sobre esse tema, de modo a buscarmos os documentos que protegem a amamentação e denunciarmos alguns fatores que contribuem para a cultura do desmame, foi um movimento que só me fez pensar que há, ainda, uma série de coisas que eu gostaria de desenvolver, como por exemplo, a cultura como processo de naturalização de comportamentos para melhor desenvolver a ideia do Desmame como algo que se encontra enraizado em nossa sociedade, ao ponto de se passar imperceptível na forma como agimos e nos colocamos através dos discursos. Penso também ser importante trabalhar em volta do discurso materno, abordando a temática do amor materno como um mito criado para nos resumir exclusivamente ao papel da maternidade.

No entanto, entendo que, assim como no materno, numa pesquisa devemos identificar e respeitar os processos e progressos do texto e identificar, com isso, os processos e progressos de quem está ativamente envolvida. E é por isso que assim como o materno apresenta incertezas, algumas certezas, vírgulas, exclamações e interrogações, assim como o materno necessita de rede apoio, de fazer junto mas, de alguma forma, também é sobre se sentir sozinha enfrentando muitos monstros, assim como o materno é cheio de desafios, mas também de muita satisfação, essa pesquisa, por fim, não poderia ser diferente, ela é, portanto, composta de incertezas, certezas, vírgulas, exclamações, interrogações, desafios e muita satisfação e, sobretudo, não tem pretensão de se encerrar aqui, pois o intuito é que, assim como o materno, ela possa se multifacetar e ocupar muitos outros espaços.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.A.G.de; GOMES, R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 3, p. 71-76, julho 1998.

DIONISIO, Angela Paiva, VASCONCELOS, Leila; SOUZA, Maria Medianeira de. **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

FIALHO, Flávia Andrade. LOPES, Amanda Martins. DIAS, Iêda Maria Ávila Vargas. SALVADOR, Marli. Fatores associados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista CUIDARTE**, Programa de Enfermeira UDES. vol.5, n.1, pp.670-678, 2014.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; PICCOLI, Daniele. BEZERRA, Islândia. ALMEIDA, Claudia Choma Bettaga. **Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero**. Ciência e saúde coletiva, 2018.

IRINEU, Lucineudo Machado (org.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos chaves**. 1.ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020.

Kress, Gunther; Leeuwen, Theo Van. **Reading Images**: Londres, Routledge, 1996.

LINDER, Veronica. COUTO, Diana. ZEBU. **Toda mulher é o mundo** - Maternidade, amamentação, informação, conhecimento, assistência, feminismo e ativismo. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos** /, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde da criança: Nutrição Infantil – Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. **Caderno de Atenção Básica**, nº 23. Brasília – DF, 2009.

NASCIMENTO, Cícera Fernanda Sousa do; GABRIEL, Gislene Araújo; SOUZA JÚNIOR, Helder Felix de; MACIEL, Ikaró César da Silva. Poder. *In*: IRINEU, Lucineudo Machado (org.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos chaves**. 1.ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020.

PERES, Patrícia Lima Pereira. PEGORARO, Antônio Olinto. Condições desiguais como causas para a interrupção do aleitamento materno. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Guia prático de aleitamento materno**. Departamento Científico de Aleitamento Materno, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Mamilos diferentes podem interferir na amamentação?** SBP, sem data. Disponível em: <<https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/nutricao/mamilos-diferentes-podem-interferir-na-amamentacao/>>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.